

PAINEL

RAZÃO E PAIXÃO NA POLÍTICA

>> RAZÃO E PAIXÃO NA POLÍTICA | António Barreto

Comecemos pelo princípio. Pelo verbo e pelas definições. Interessou-me em particular o termo paixão. Fui aos dicionários, por onde se deve começar.

“Sofrimento e humilhação que precedem a morte de Jesus Cristo”... Esta a primeira definição do dicionário da Academia das Ciências.

As seis definições seguintes são todas relativas a esta primeira e incluem o teatro, a cantata, etc., sempre em referência à Paixão de Cristo.

Só a sétima definição nos afasta ligeiramente deste universo religioso. Diz: “Sentimento muito intenso que se exprime pela obsessão em relação ao objecto de amor ou de desejo, impondo-se de forma exclusiva”.

As definições seguintes são variantes dos temas da obsessão e da exclusividade.

Só a décima e a décima primeira definições nos trazem um pouco de paz. “Emoção presente numa obra de arte”, diz uma. “Grande entusiasmo ou dedicação por alguma coisa” estabelece outra.

Mas logo seguem mais definições assustadoras e que incluem: “angústia”, “sentimento de indignação”, “tristeza”, “dor profunda”... E até “cólera”, “fúria”, “fanatismo”...

A última definição leva-nos à política. “Acto de tomar partido por alguma coisa, parcialidade”.

O Houaiss não se afasta muito deste ambiente. Acrescenta algumas acepções interessantes. “É um sentimento tal que ofusca a razão”. “Vício dominador”. “Ânimo favorável a alguma coisa que supera os limites da razão”. E talvez a sua pérola seja: “inclinação emocional e violenta, capaz de dominar completamente a conduta humana e afastá-la da desejável capacidade de autonomia e escolha racional”.

Estes são os meus termos de referência. Acrescento alguns dos sinónimos possíveis. Alucinação, ardor, aversão, ciúme, cólera, doença, encarniçamento, fanatismo, furor, impaciência, martírio, obsessão, ódio, parcialidade, raiva, sofrimento...

Sem esquecer os lugares-comuns mais correntes. A “paixão é cega”. Pior: a “paixão cega”. A “paixão mata”. A minha concepção de “paixão” é esta. Mãe de tantos males! Impressiona que haja tanta gente que preze e estime a paixão!

A consulta dos dicionários de citações é também muito útil. Escritores, dramaturgos, filósofos, políticos e cientistas exprimem-se sobre a paixão. Quase ninguém lhe atribui só ou sobretudo valor positivo; quase todos dizem que é necessário um pouco de paixão, que sem paixão nada se inventa ou cria, mas quase todos acrescentam rapidamente que a paixão também pode destruir, também mata, também impede a razão...

Dante, Shakespeare, Descartes, Balzac, Goethe, Stendhal, Alain e tantos outros se referiram a esta dualidade, a este par conflituoso e aparentemente de exclusão mútua: razão e paixão! E grande parte desses escritores e pensadores arranjaram maneira de fazer combinar uma com a outra, ou de sugerir que é possível conter as paixões com um pouco de razão e de suavizar a razão com as doçuras da paixão.

Por mim, prefiro seguramente as definições mais marcadas. Aprecio os termos e as designações de emoções, sentimentos, afectos, desejos e inclinações, mas fujo das paixões. As minhas, que tento evitar, e as dos outros que receio.

É uma moda bem portuguesa e bem actual que consiste em glorificar e apreciar a paixão. Todos os dias ouvimos políticos ou comentadores, artistas ou críticos, cientistas ou comediantes, atribuírem à paixão o que os outros fazem de bem. Ou dizer de si próprios que o que fazem, fazem-no com paixão. A liberdade, a música, a escrita, o jornalismo, a política, a causa dos pobres ou a da democracia transformaram-se em objectos de paixão e só se conseguem com paixão. Viajar é uma paixão! Ler é uma paixão! A minha terra, a minha região é uma paixão. E até, finalmente, a paixão pela política! Não partilho estes pontos de vista. Que creio mesmo serem nocivos à paz e aos bons costumes.

Não cessa de me surpreender a facilidade com que se confunde paixão com amor, amizade, gosto, entusiasmo, inclinação, prazer...

Que se deixe a paixão, como excesso e obsessão, para as actividades amorosas, compreende-se, apesar de imaginar que seja a fonte de todos os desastres. Mas que se tente, com bondade e valor, misturar a paixão com a política, eis que me ultrapassa. A voz corrente tenta mesmo atribuir à paixão um valor indispensável para a eficácia da política, quando o que mais me aterra é justamente a política feita com paixão.

Não tenho dúvidas: a paixão mata! A paixão é cega e surda. A paixão prende. A paixão turva a vista, os sentimentos e o raciocínio. Tira o apetite. Provoca ciúmes. A paixão desconfia. A paixão não acredita. A paixão não deixa ver. Tira a calma. Tira o sono. Alimenta a vaidade. Reforça o egoísmo. Maltrata os outros. Cria insegurança.

O império da razão, que poderá ter ajudado a construir políticas como as de Robespierre, Estaline ou Pol Pot, não é seguramente pior que o império das paixões ideológicas e do irracional dos Nazis e dos Maoistas. O império do populismo imprevisível é tão negativo quanto o dos economistas e dos burocratas ou dos organizadores como Eichmann. O império do irracional político ou religioso não é melhor do que os seus contrários. As paixões políticas e religiosas levam à guerra, à desilusão, à frustração... À ditadura...

Curiosamente, a tradição cultural moderna e contemporânea salvou a paixão como fonte de criação e de beleza. Mas foi a grande tradição romântica que fez da paixão a fonte de desastres, tragédias e infelicidade. A grande Ópera fala de paixão e tragédia. O grande cinema melodramático fala de paixão e morte, paixão e desastre, paixão e miséria. A tragédia vive da paixão.

A razão permite escapar aos excessos e às ratoeiras da paixão. Mas é verdade que a razão em excesso conduz a fins parecidos. Por isso tenho dificuldade em responder a uma pergunta simples: o que é pior, o império da razão ou o da paixão? Não escondo que prefiro escapar aos dois. Tanto a razão como a paixão pressupõem a perfeição do homem, da classe ou da sociedade. O homem perfeito ou a sociedade perfeita são os nossos inimigos. Como evitar um e outra? A receita é simples na definição, complicada na obtenção.

A razão, mais a imperfeita natureza humana, mais a expressão dos sentimentos, mais a tradição, mais o Direito, mais a Moral... É por estes caminhos que anda a solução. E finalmente a legitimidade que resulta do entendimento livre de todos no estabelecimento de um quadro comum de vida que não seja o resultado de modelos racionais abstractos, nem de paixões religiosas, nem de princípios de visionários...

Chegou o momento de me aproximar de Medeiros Ferreira. Quem o conheceu sabe que não escondia as suas emoções. E que apreciava as dos outros. Que delas fazia uma essencial expressão humana. Sabíamos que, para ele, a política incluía a emoção, o afecto, o reconhecimento do outro e a identificação de um com

outro. Talvez a maneira de Descartes fosse a sua eleita para pensar as paixões da alma, os sentimentos e as suas relações com a razão e a sabedoria.

Em vez de ir ver aos seus escritos o que poderia pensar sobre este tema, o melhor é olhar para a sua vida e ver como se comportava. Não lhe conhecemos a voz estridente dos fanáticos. Nem a berraria dos inseguros que receiam não serem vistos. Nem o troar dos que se julgam proprietários da verdade. Nem a gritaria dos que se pensam moralmente superiores. Nunca ouvi, nem sequer num comício dos tempos da revolução, a sua voz elevar de tom. Pelo contrário, a sua intervenção primava pela voz calma e pela tentativa de exposição serena do argumento.

Ao contrário do que é hábito na vida política portuguesa, sobretudo no Parlamento, mas também em comícios, sessões de esclarecimento ou simplesmente debate público na televisão ou alhures, Medeiros Ferreira não berrava. Não atropelava os seus interlocutores. Acreditava na razão, no argumento e na demonstração. Apreciava como poucos o diálogo e uma boa discussão. Juntava às suas razões os seus trunfos emocionais e o seu encanto pessoal. São lendários os seus apartes de elevado sentido de humor e é histórica a sua gargalhada quase atrevida. Mesmo quando Medeiros Ferreira parecia pomposo e portador de toda a razão de Estado, o seu sorriso não enganava ninguém. Foi com um riso estrondoso que Andrei Gromiko, ministro dos Negócios Estrangeiros da União Soviética em 1977, ouviu Medeiros Ferreira declarar em nome de Portugal e em resposta a disposição semelhante do seu interlocutor “que também não era intenção de Portugal interferir nos assuntos internos da União Soviética”!

Estivemos juntos em alguns momentos em que trabalhámos e colaborámos intensamente. Durante o exílio, em Genebra, especialmente na revista *Polémica*. No Partido Socialista, durante o sexto Governo provisório (de Pinheiro de Azevedo) e o primeiro Constitucional (de Mário Soares). Na elaboração do Manifesto Reformador e nas negociações com o PSD de Sá Carneiro com vistas à colaboração com a AD, Aliança Democrática. Sou testemunha da sua atitude e do seu comportamento político nesses momentos delicados. Era capaz da análise mais fria e racional que se possa imaginar. Era aliás dessa capacidade, aliada a uma invulgar inteligência, que retirava a sua perspicácia e o talento para a previsão.

Permitam-me mencionar três momentos especiais. Antes do 25 de Abril, ainda em Genebra, apesar da distância, mau grado o afastamento e a falta de contacto directo com as pessoas em Portugal e com as situações concretas, Medeiros Ferreira foi o único a teorizar explicitamente o papel dos militares no derrube da ditadura e na fundação da democracia. Na sua famosa intervenção no Congresso de Aveiro, lida por Maria Emília Brederode Santos, os seus três D (Descolonizar, Democratizar e Desenvolver) exigiam uma acção política dos militares. Só uma frieza racional permitia prever o que, em geral, os civis e os políticos não queriam, não confessavam e até condenavam (em público, apesar de muitas vezes o desejarem em silêncio...).

Segundo momento, o da integração europeia e do pedido de adesão (feito por ele, no governo de Mário Soares, em 1977) por ele defendidos no partido, no governo e na opinião pública. Numa altura em que poucos o faziam. As esquerdas não queriam ouvir falar de Mercado Comum, que lhes parecia incompatível com o socialismo. As direitas nunca gostaram da Europa, nem sequer daquela que lhes poderia, nessa altura, temperar os devaneios revolucionários. Os tecnocratas e os liberais julgavam que não era possível, que Portugal não estava à altura, que ainda éramos pobres e subdesenvolvidos e que os Europeus não iriam aceitar. Para estes últimos, um contrato de associação era suficiente. Poucos acreditavam que era possível. Poucos estavam convencidos de que era esse o caminho. Medeiros Ferreira, no dia em que a delegação portuguesa partia para a volta à Europa a fim de apresentar o pedido formal de adesão plena, às altas figuras do Estado que o

olhavam com apreensão e lhe perguntaram “E se eles dizem que não?”, disse-lhes, no aeroporto, com um sorriso atrevido: “Eles não podem dizer que não! Está tudo previsto!”. Esta era a mesma razão, a mesma frieza e o mesmo tipo de intuição que o levava a prever a democracia meses antes de ela chegar.

Finalmente, a revisão da Constituição, que alguns propunham e reclamavam em 1978. Contra tudo e contra todos. Talvez até mesmo contra a letra da Constituição. Também nessa altura, Medeiros Ferreira usou da mesma racionalidade. “Há coisas que têm de ser feitas e que acabarão por sê-lo”. A sua impossibilidade prática e legal era de menor importância, na medida em que ficariam o exemplo e o argumento. “Uma revisão livre da Constituição” era a divisa ou a palavra-chave. Veio a fazer-se, mais tarde, noutras circunstâncias, mas a sua proclamação fundadora ficara ali.

Neste tema da razão e da paixão em política, uma conclusão, um ensinamento me parece poder ser retirado da vida e do exemplo de Medeiros Ferreira. Pode a liberdade começar num impulso emocional, nunca de paixão, mas é à razão que pedimos que trate da democracia. E é com a imperfeição humana, o compromisso social, a cultura, o Direito e a Moral que queremos afastar o império da razão, tão nefasto quanto o império da paixão.